

Dançar – Vivências contemporâneas na comunidade

Isabel Varregoso^{1,2*}; Elisabete Monteiro^{3,4}; José Rodrigues^{2,5,6}; Susana Franco^{5,7}; Susana Alves^{2,5}

¹Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, IP Leiria; ²CIEQV - Centro de Investigação em Qualidade de Vida; ³Faculdade de Motricidade Humana/UL; ⁴Instituto de Etnomusicologia/Centro de Estudos em Música e Dança (INET-MD); ⁵Escola Superior de Desporto de Rio Maior/IP Santarém; ⁶LABIMH – Laboratório de Biociências da Motricidade Humana, UNIT, Aguaçu, Brasil; ⁷CI&DETS - Centro de Estudos em Educação, Tecnologia e Saúde, IP Viseu

Palavras-chave

Dança na comunidade;
Baile;
Danças populares e tradicionais;
Danças do mundo

RESUMO

A Dança na Comunidade constitui um conceito abrangente que evidencia uma diversidade de práticas, filosofias e abordagens que interessa estudar. Como atividade participativa e inclusiva, permite uma troca mútua, destacando a valorização individual e coletiva pela motivação, sentido de pertença e de conexão sem limites ou limitações. Na atualidade, são vivenciadas um conjunto de danças de inspiração tradicional miscigenadas com influências contemporâneas, as quais retomam a vivência dos bailes à antiga, onde as pessoas convivem e se divertem unidas pelo prazer de dançar. Pretendemos analisar o(s) contexto(s) em que decorre(m) estas danças, caracterizá-las de forma genérica, e perceber o que as pessoas encontram nestes contextos.

KEYWORDS

Dance in the community;
Dance;
Folk and traditional dance;
World dances

ABSTRACT

The dance in the Community is a comprehensive concept that highlights a diversity of practices, philosophies and approaches that urge study. As participatory and inclusive activity, translates commitment and mutual exchange, stressing the individual and collective appreciation for motivation, sense of belonging and connection without limits or limitations. Actuality, it is experienced a set of traditional-inspired dances with contemporary influences miscegenation, which take up the life of the old-fashioned dances, where people gather to socialize, have fun, united by the pleasure of dance. It is intended to analyze and characterize the dances in this context and realize what the people can find on it.

INTRODUÇÃO

A Dança projetou-se ao longo dos tempos em tipos e formas diversificados que apresentam, na atualidade, um espectro cada vez maior de manifestações. Este estudo, em forma de ensaio, centra-se na dança de inspiração popular e tradicional, tendo como objetivo analisar o(s) contexto(s) em que decorre(m) estas danças, caracterizá-las de forma genérica, e perceber o que as pessoas encontram nestes contextos, ensaiando uma sistematização e teorizando sobre algo que se afasta dos campos habituais de investigação, mista de tradição e modernidade. A escassa publicação de trabalhos neste âmbito permite que usemos um pioneirismo, a partir de uma apresentação do(s) contexto(s) que rodeia(m) o objeto a estudar.

Organizamos o ensaio em quatro partes: enquadramento conceptual e contextual; caracterização do objeto de estudo; caracterização dos intervenientes; reflexão onde levantamos pistas para posteriores estudos, como extensão ou complemento do agora realizado, desafio final deixado pelos autores.

Precisamos perceber o, ou os contextos onde ocorrem as danças alvo do estudo para conhecer e compreender os propósitos e circunstâncias na relação com as atitudes e as ideias. O estudo enquadra-se no âmbito da ‘Dança na Comunidade’, a qual está organizada com base na premissa de que o vocabulário motor usado no dia-a-dia e nas danças populares e tradicionais pode ser desenvolvido para expressar ideias e sentimentos que conduzam a performances significativas (Snyders, 2003). O conceito de ‘Dança na Comunidade’ não é pacífico e tem gerado desafios e tensões na sua definição que não chegou a gerar um conceito único. Surgiu nos anos 80 pela evidência e como necessidade de enquadrar um conjunto de práticas emergentes, como projetos ou práticas dirigidas a vários setores da população, sendo que a própria designação gerou uma dificuldade decorrente da abrangência da palavra ‘comunidade’. Esta, para Ames (2006), pode ter diferentes significados ou traduções distintas em diferentes línguas, dizendo-nos que a noção por trás da dança transcende a questão semântica, opinião que partilhamos. Outra dificuldade incide no uso dos termos “para” ou “na” comunidade. Uma outra surge da confusão entre ‘Dança na Comunidade’ e ‘Dança de Animação Sociocultural’, sendo esta mais uma atitude que uma ação específica por se poder manifestar em atividades múltiplas (Marrana, 2011). Nos anos 90, emerge outra dificuldade centrada no debate processo-produto que situava a ‘Dança na Comunidade’ como uma prática feita por aqueles que tinham formação para o efeito, com uma missão integradora, proporcionando a sua vivência a todos, independentemente do grau de preparação.

Para Thomson (1994) existem três tipos de prática de dança na comunidade: ‘radical’, ‘alternative’ e ‘amelorative’, sendo este último onde se passa a focar a nossa atenção, pois proporciona aos praticantes um sentimento de bem-estar. Deste modo, considera-se que conceitos ou definições mais abrangentes estão relacionadas com os objetivos que norteiam o trabalho, o público-alvo a que se destina e a forma como se ministram. Na opinião dos ‘dance workers’ (Amans, 2008, p.4) “A Dança da Comunidade é sobre dança não elitista [...] pode ser sobre a criação de obras que quebram os estereótipos sobre o que a dança é e o que são os dançarinos, pode ser sobre performance em lugares não tradicionais. Ela pode ser qualquer coisa que nós, a Comunidade, queiramos que seja”.

A discussão sobre este conceito também abarca as definições de ‘performance’, ‘desempenho’ e ‘apresentação’. O primeiro diretamente reconhecido para a dança profissional e os outros dois mais próprios da ‘Dança na Comunidade’. Contudo, errado seria ter um posicionamento simplista, absoluto e por isso redutor. Se não veja-se o que refere Fazenda (2007, p. 11) quanto ao conceito de ‘Performance’, quando diz ser “algo em curso, que se vai processando, e não apenas algo que se efetua”. Ou Wilson (2008, p. 75), para quem “O desempenho é um elemento de valor na prática da dança na comunidade [...] abraça-a num quadro relativo e inclusivo que é reconhecido como simplesmente um momento dentro de um processo de desenvolvimento mais longo”.

Esta dimensão da dança ganhou espaço e reconhecimento através da ‘Foundation for Community Dance’ (Reino Unido) que redefiniu o conceito, explicitou os seus objetivos, qualidades e características, identificando as boas práticas. Idênticas ações se verificaram nos Estados Unidos e no Canadá. Esta dança evidencia-se também por ser, apesar de dirigida a todos, uma ação que implica a atuação de artistas a trabalhar com pessoas comuns. Implementa-se de modo mais ou menos formal (institucionalizado) e não-formal (sem estar enquadrado em instituições mas amiúde através de projetos conforme já referido) e informal, desenvolvida por profissionais e por outros intervenientes.

Resumindo, reforçamos que, nas danças estudadas, o foco incide no ‘processo’ de intenção e não no ‘produto’ ou ‘forma’. Parece-nos mais adequada a utilização do termo ‘desempenho’ do que ‘apresentação’, pois estas danças centram-se essencialmente no processo, e apresentam as propriedades da dança na comunidade nas quais as diferentes vozes, corpos e experiências emergem conjuntamente no ato de mover-se em coletivo (Kuppers, 2006). Adotamos o conceito de ‘comunidade’ como algo que tem a ver com um grupo social imbuído de uma herança cultural e histórica, podendo implicar uma restrição

geográfica, como um grupo com afinidades que partilha algo e tem “participações em comum”. A ‘Dança na Comunidade’ reporta-se a certas danças que quase se esgotam em experiências criativas do movimento num amplo espectro de práticas, em que as formas se multiplicam conforme o contexto em que se vivenciam. Possuem estilos com especificidade mas sem técnicas particulares, com um denominador comum - uma forte incidência e preponderância na interação, relação e comunicação - a componente social. É “principalmente uma atividade social, unindo criatividade e corporalidade de uma forma que oferece a experiência às comunidades, de solidariedade e de significado, de uma forma imediata e simples” (Thomson, 2008, p. xi).

Dos Contextos...

Nas últimas décadas, no âmbito da Dança na Comunidade surgiu um novo movimento, em contínua atualização das populações visadas, pela mudança de aspirações, dos objetivos a perseguir, das estruturas implicadas, onde se afirma mas simultaneamente dilui a especificidade geográfica, conceito focado numa vivência coletiva à procura das comunidades – do coletivo, do universal, da “aldeia global”. É uma nova manifestação de dança/‘baile’ que, progressivamente, deu origem a um movimento que gerou um verdadeiro fenómeno de globalização. Algo de diferente do que até aí se fazia e não totalmente oposto ao “antigo” mas com nuances expressivas, espaciais ou relacionais. Novas expressões coletivas, reflexo de uma rutura com o baile tradicional de antigamente, que passaram da música para a dança, em que “formas de diversão mais individualizadas e sedentárias, provocou a necessidade de (re)invenção do baile.” (Martinez, 2007, p. 125). Este conceito de ‘novo/‘velho’ baile, surgiu da procura do prazer de dançar em conjunto dos jovens e de viver as práticas tradicionais, abandonando as formas fixas de execução, descobrindo novas dinâmicas. Alastraram rapidamente novas conjugações de movimentos, inspirados nas raízes culturais mas distanciando-se delas por miscigenação com outros conceitos, vivências e formas de estar contemporâneas, tendencialmente urbanas e multiculturais. A importância dos passos certos ou formas fixas deu lugar ao sentir-se bem e à criação de coisas novas que encantam e reconfortam as pessoas. Nestes espaços valoriza-se a componente cultural e lúdica ao invés da performativa (Martinez, 2007, p. 124). Passamos a caracterizar estes novos contextos onde se vivenciam estas práticas de dança na comunidade. As pessoas juntam-se em ‘encontros’ casuais, não informais ou eventos, em sessões de aprendizagem (‘aulas’), em workshops, convívios, festas ou festivais. São encontros onde alguém ensina as danças a quem as quer aprender. São momentos de

aprendizagem mas de partilha e prazer, por vezes seguidos de ‘bailes’ ou música ao vivo. O verdadeiro espírito de quem dança e/ou ensina é o da criação de comunicação e de interação através de uma criatividade e experiências coletivas. A Associação ‘PêdeXumbo’ e o ‘Festival Andanças’ terão sido os pioneiros destes eventos em Portugal, ao trazer para o nosso país este modelo de encontro, de baile e de festival que assenta numa valorização regional, alargando-a à vivência de outras paragens. Nos últimos anos, por toda a Europa, em várias localidades, por razões diversas ou características regionais, surgiram outros eventos da mesma natureza, onde se partilham danças locais, alargando-se às danças europeias ou às danças do mundo.

Das Danças...

“De facto na dança, a coordenação, o espaço e o ritmo completam-se, aperfeiçoam-se e harmonizam-se através da experiência de jogo colectivo em contexto musical” (Padovan, 2010, p.13). As danças foco do nosso estudo são formas populares e tradicionais, nalguns contextos designadas de “folk”, coletivas, dançadas na atualidade, que favorecem uma dimensão humana de divertimento e de prazer funcional. Portanto, para quem estuda, o que se torna pertinente é a perceção de uma estratégia e a procura de uma disciplina, de uma forma de trabalhar que queremos identificar. Forma de trabalhar que implica ter como princípios os conceitos de participação, inclusão e reciprocidade “É tudo acerca das pessoas e tudo acerca da atenção com as pessoas” (Thomson, 2008, p. IX). São danças que encerram um valor educativo geral, de reconhecimento da identidade e individualidade, através da cultura, história e património. Inspiram-se nas danças de antigamente, carregadas de signos e significados como forma de arte popular e de expressão de um povo/grupo social, fator de pertença e, como tal, aceites e vividas. Mas diferem das danças antigas pois o mais importante é a experiência que as pessoas querem viver. Como forma de dança, são uma “atividade de natureza estética e de elaboração artística” (Monteiro, 2007a, p. 73), que encerra códigos e sinais que se traduzem numa linguagem não-verbal própria, analógica, específica. Os significados implícitos ao movimento dançado permitem a transmissão de uma mensagem partilhada por outros, mesmo que ininteligível, mas sem dúvida com um qualquer impacto sensitivo. Como refere Monteiro (2007b, p. 180) “Falar” implica, assim, comunicar e que pode não “dizer”, no sentido de informar. É um comungar”. A dança torna-se um meio de ocupação positiva do tempo de lazer, contribuindo para a interação social, bem-estar individual e coletivo. Também nestas danças se destaca uma pluralidade de locais, propósitos, valores, ideais estéticos, identidades, representações

e experiências, em contextos de ocorrência num âmbito sociocultural, comunicacional e histórico numa contemporaneidade, que continuamente a desafia e, num passado, que a referencia. Combinam afetividade, aprendizagem e criatividade pois a “presença de outros corpos multiplica as incertezas das experiências, transformando cada momento numa situação única de relação e afetividade” (Varregoso, 2010, p. 123).

À semelhança da ‘Dança Social’, “reforça as formas de organização social que regem as relações entre os indivíduos no mundo da não dança. Onde, quando alguém se levanta para dançar, procurando o prazer que essa actividade motora e sociabilidade provocam, essa é uma acção de interesse não apenas individual, mas também de significado e interesse social” (Fazenda, 2007, p. 36). Em termos de desenvolvimento, este tipo de danças permite o sentido coletivo, de pertença ao grupo (em que se está a dançar), uma ideia de conexão e de coesão com outras pessoas e com outras culturas. Interessante o que sobre este aspeto Bartlett (2013, p. 8) refere “Dançando, conseguimos ligar-nos com a nossa corporalidade, expomos o que nesta sociedade, nesta cultura, é desvalorizado e muitas vezes negado”. Ao ter de agir, reagir e interagir com todos os que dançam, vai surgindo um sentimento de união (nós na dança), um sentimento de solidariedade (eu e os outros em grupo). Ao aprender em conjunto desenvolve-se um sentimento de igualdade de oportunidades (todos a aprender) e de confiança em si próprio e, ao mesmo tempo, de individualidade (cada um no seio do grupo, expressando-se coletivamente de forma única), bem como um sentido de responsabilidade (o meu contributo para o todo). A partilha de um gosto comum e a vivência grupal, proporcionam o prazer de fazer com/em conjunto, experienciando sensações de cooperação, confraternização, comunhão, celebração, partilha, fraternidade, universalidade, liberdade, não havendo credos, nem nações mas união. Deixa pairar sentimentos que favorecem a autoestima, reciprocidade, aceitação, tolerância e inclusão que, no seu conjunto, se traduzem em desenvolvimento social. Podemos constatar que a dança toca os indivíduos e as comunidades e que estes estilos de dança, carregados de intemporalidade, demonstram um forte poder do baile para transformar as pessoas e as comunidades para melhor (Houston, 2003).

Estas novas formas de bailar transformadas à luz da modernidade resultam em movimentos corporais impregnados das raízes nas quais se inspiram e, também, dos estilos individuais, dos músicos ou dos praticantes, de quem ensina e de quem aprende. Sob a influência de diversas misturas musicais, há uma redescoberta do tempo e do espaço que, embora de certa forma manipulados por quem dirige, permitem aos participantes, ancorados no seus corpos e nos das outras pessoas, encontrar um espaço próprio

para a sua expressividade. Dançar tornou-se mais livre, permite redescobrir o que foram as origens e descobrir que têm muito divertimento. Inspira, entusiasmo, evolui, criam-se estilos, bailando com nuances e sem a preocupação de ‘purismos’ e rigidez dos modelos fixos.

Das Pessoas...

Mostra-se importante refletir um pouco sobre as pessoas que participam nestes eventos e se dedicam a este tipo de danças para tentar compreender o que estas procuram. “A Dança existe desde tempos imemoriais. Tem sido parte integrante da celebração e rituais, um meio de comunicação com os deuses e entre os seres humanos e uma fonte básica de prazer e beleza” (Hanley, 2004, pp. 6-7). Talvez por isso as pessoas, nos diversos países, tenham procurado eventos, os frequentem e tenham começado a solicitar, progressivamente, que ocorram com maior frequência. Nestes eventos podemos encontrar os traços de celebração, alguns rituais, divertimento e beleza. Algumas razões parecem prender-se com a ocupação do tempo livre, fugir à rotina, passear, divertir-se e encontrar pessoas. Mas podemos discriminar outros aspetos tentando perceber o que as danças oferecem e provocam, sabendo que a dança é uma maneira através da qual as pessoas se divertem (Houston, 2003, p. 135). As razões que levam as pessoas a procurar estes contextos de dança, podem prender-se com as razões que levam as pessoas a outros eventos sociais de larga escala. Há, atualmente, muitos eventos que reúnem milhares de pessoas pelas mais variadas razões (festivais de música, encontros de gastronomia, grandes caminhadas públicas, etc.). Estes eventos de massas permitem a vivência de emoções e sensações causadas por um espírito coletivo que leva as pessoas a sentirem-se parte de um acontecimento, fator que atrai e estimula a participação dos envolvidos, pois cada indivíduo é influenciado por um grande número de pessoas em simultâneo, tornando-se parte componente da “multidão”.

Tendencialmente as pessoas procuram festa, divertimento, alegria, isto é, momentos lúdicos que promovam bem-estar geral. Por outro lado, as pessoas parecem procurar conhecimentos (novas danças, novas culturas) e descoberta de novos valores e vivências, isto é, momentos de aprendizagem descomprometidos mas enriquecedores. Uns sabem dançar, porque já conhecem, e voltam para repetir, outros vão pela primeira vez experimentam e descobrem que gostam. Outras, pelo contrário, parecem aderir a este tipo de danças porque nelas encontram a simplicidade da execução, a não exigência da correção técnica, momentos onde podem dançar “sem ser vistas”, isto é, onde o objetivo não é a exibição mas a fruição. Há outras que parecem preocupar-se mais pela vivência artística,

procurando momentos em que realizam coreografias e se esforçam por realizar as danças neste contexto, bebendo a beleza da relação música/dança. Numa outra perspectiva, as pessoas procuram convívio, estar em conjunto, encontrar pessoas, relacionar-se, isto é, momentos de socialização informais em que as ações se desenrolem em função de si próprias e não em função da dança em si. Outra das razões da procura destas danças parece prender-se com a descontração, desinibição, relaxamento, ou seja, procuram momentos de compensação da sobrecarga da sociedade moderna, de momentos em família/trabalho, de momentos de descanso/férias, de momentos descomprometidos de tensões, horários, funções, obrigações. A vertente performativa parece aqui perder preponderância. Sem ou com espetadores, mas sem carácter de exibição, a própria interpretação é, sentida pelo próprio e, naturalmente e quase sempre, ignorada pelo grupo. Estes contextos permitem um espaço de acesso à arte (arte popular) que muitas pessoas desconhecem e que ali descobrem e que muitas delas não viveriam se não fosse desta forma. Performance fica então, assim, equivalente a desempenho. E que por isso pode ou não ter público. Aliás, o próprio participante pode, em cada momento decidir em que qualidade quer participar, assistir ou ativamente colaborar.

Quando se entra num evento de dança deste tipo, parece observar-se liberdade. Existem pessoas de todas as idades, vestidas das mais diversas formas, sozinhas, em pares, em grupos ou em família. As pessoas movimentam-se livremente pelo espaço. Dançam quando querem e param quando querem, mesmo quando está alguém a ensinar. As danças podem decorrer com poucas ou muitas pessoas, podem começar com muitas e terminar com poucas ou vice-versa. Muda-se de par e reencontra-se um novo parceiro criando-se grande proximidade entre pessoas desconhecidas. As pessoas que dançam podem entrar com um par ou ir procurar no grupo, ou esperar que alguém as escolha. Quem dança pode não ter experiência nenhuma, nunca ter dançado ou pode ser um bailarino, um expert ou um professor de dança. Quando alguém está a dançar pode dançar só por si, indiferentemente do que está a fazer ser muito bom ou muito fraco. O movimento é a linguagem básica que une as pessoas.

Implicações...

Baseada em observação direta e observação participante e, também, resultado da nossa experiência acumulada (razão de alguma ‘poética’ na sua explicação), ousamos apresentar uma descrição organizada em três vetores de análise: social, técnico e individual. Descrição em forma de uma possível listagem dos aspetos visíveis – por vezes quase indizíveis mas sentidos – que nos parecem mais representativos.

Socialmente:

- i) A mensagem subliminar parece ser de uma momentânea felicidade;
- ii) O momento gera o sorriso face ao inesperado da evolução imprimida pelo professor ou pela reduzida distância que separa os corpos;
- iii) O desafio do riso gera cumplicidade com alguém desconhecido que deixa de o ser por momentos ou para o futuro (alguém passa a ser um conhecido);
- iv) O olhar nos olhos de quem se aproxima não é uma obrigação mas quase um desafio e ou um ritual e é aceite com simplicidade e cumplicidade, momentânea, ilusória, envolvente, desconhecida, efémera;
- v) A comunicação é feita com o sorriso, com o olhar, com o toque, com o corpo, com a expressão;

Tecnicamente:

- i) Os corpos que se organizam, desorganizam-se e reorganizam-se em desafio, desconcerto e sucesso (nenhum exigido ou penalizado);
- ii) A organização parcialmente desorganizada que toma forma progressivamente, perde-se em certos momentos e reencontra-se novamente, numa sucessão de repetições que aumentam a sensação de competência do coletivo na coreografia;
- iii) O ruído e o silêncio sucedem-se, opõem-se e substituem-se na procura de uma expressão conjunta;
- iv) O ritmo, a estrutura rítmica da música, que puxam os corpos e os levam a “obedecer”, misturado muitas vezes com o tamborilar, o balbuciar da canção, o trautear das melodias, numa envolveria de “ordens\sequência”, passos\movimentos, espaço, individualidade, par e/ou grupo;
- v) A estética é individual e coletiva, consciente ou inconsciente, interior ou exteriorizada, induzida ou deduzida, musicalmente conduzida mas parcialmente assumida.

Individualmente:

- i) A evasão surge pelo estontear do(s) movimento(s) em cadeia, impossível de travar quando as mãos se entrelaçam e os corpos se desequilibram num deslize prazeroso;
- ii) A fantasia domina, colada à melodia da música ou à coreografia e à expressão;

- iii) As sensações dizíveis e indizíveis são, normalmente irrepetíveis, procurando-se de novo;
- iv) As emoções são boas: a alegria, a surpresa, a diversão, o espanto, a satisfação, o prazer, o afeto;
- v) Os sentimentos ressaltam: a inocência, a ilusão, o ânimo, a atração, a beleza, a calma, a comoção, a liberdade, a sensualidade, o otimismo, a efusão, a empatia, a empolgação, a paz, o êxtase, o querer.

Nenhuma forma de dança é permanente e perpétua. Porque os contextos de vida, os quadros de referência, as influências, estão em permanente mudança, este tipo de danças recorda-se, revive-se e continua, à luz das aspirações das populações envolvidas e perpetuando-se para o futuro.

Reflexões...

Para quem, então, este novo movimento no âmbito da Dança na Comunidade? Ele é aberto à comunidade, portanto, para todos, não apenas para uma comunidade local (como vimos quando definimos este conceito). Aberta à comunidade no sentido de colocar em comum e, também num 'tornar comum' uma afinidade na comunicação 'transcendendo a semântica', como já atrás afirmamos. Mas talvez seja o conceito de relevância que seja pertinente, como valor para a população local, como refere Amans (2008), contudo este ultrapassa essa população e mistura-a com todos os outros que quiserem vir e participar. Ou, como diz Bartlett (2008, p. 40) "Trabalhamos sobre o que as pessoas podem fazer, em vez de valorizar o que elas não podem alcançar". Parece-nos ser este um aspeto muito importante e talvez seja este aspeto que atraí tanta gente. Este mesmo autor ainda aprofunda mais a ideia ao dizer que "Trabalhando com a expressão 'dança do mundo' – usando um termo da música popular – desafia-nos a pensar em diferentes maneiras de transmitir ou ensinar danças, com base em abordagens que reconhecem que, culturalmente, as danças têm diferentes origens, significados e modos de transmissão".

Pela análise que fizemos podemos dizer que, em termos gerais, as pessoas encontram um espaço de ação mais ou menos formal, de liberdade, de partilha, de conhecimento/aprendizagem, de diversidade, de paixões, de convívio, de divertimento, de esperança, bem-estar e de inclusão. Debrucemo-nos então um pouco sobre cada um deles:

- i) Um espaço de ação mais ou menos formal - experimenta-se a noção de amplitude e rapidez dos gestos e movimentos, otimiza-se a relação espaço/tempo na realização dos percursos, enriquecem-se as evoluções

(deslocamentos) no espaço – linha, curva, figura geométrica; favorece-se a noção da posição em relação aos objetos, ao par e/ou companheiros; desenvolvem-se aspetos cognitivos associados à atenção, concentração e memorização dos passos, sequências e figuras; permite-se uma interpretação e representação individual e coletiva das figuras de cada dança;

- ii) Um espaço de liberdade - experimenta-se a dança que se quer, dança-se com um estilo pessoal que permite inserir meias voltas, passo cruzados ou outros na coreografia de base. Fazem-se danças de pares ou de grupo com alguns desenhos coreográficos mas também existem danças que podem ser experienciadas livremente sem preocupação de seguir passos ou sequências;
- iii) Um espaço de partilha - de sons, músicas, gostos, danças, corpos, movimentos, de práticas do mundo inteiro. Dança-se em roda onde há mais lugar ao contato visual facilitando-se a realização, a pares, onde há mais contato corporal, melhor integração e mais cooperação social (Moura, 2006, p.102);
- iv) Um espaço de conhecimento/aprendizagem – ensina-se a quem não sabe e ajuda-se quem dá os primeiros passos e se perde no meio do turbilhão ou aprende-se mais sobre o que já se sabia; pode-se, apenas, balançar ao ritmo da música disfrutando, igualmente, o fruir;
- v) Um espaço de diversidade – pode-se experimentar o mais simples e o mais complexo, o conhecido e o totalmente desconhecido, o próximo (regional ou culturalmente) ou o distante;
- vi) Um espaço de paixões – o que se experimenta vale por si só – o mais importante é o que ocorre que é efêmero e que persiste, apenas, no bem-estar proporcionado e na memória do momento vivido. E quando não se faz porque não se quer ou não se consegue. Vê-se e sai-se maravilhado com a habilidade dos mais exímios;
- vii) Um espaço de convívio - onde pode ocorrer a celebração, o ritual, a vivência em grupos restritos, em grande grupo, com conhecidos e desconhecidos, onde se travam conhecimentos e se descobrem amizades; para todos os gostos, pelos mais diversos motivos, encontrando-se as mais diversas respostas, onde persiste o sentido de grupo;
- viii) Um espaço de divertimento - pode-se brincar com o movimento, consigo próprio, com o(s) outro(s) nos gestos, nas expressões, nos movimentos, nas interações;

- ix) Um espaço de esperança e bem-estar - pode-se ir até onde e quando cada um quiser, onde se pode esperar sentir a alegria, cruzar-se com o riso, usufruir do prazer, ir até à evasão, fuga, descontração e relaxamento e, por vezes, ao êxtase;
- x) Um espaço de inclusão - podem alcançar-se pequenos ou grandes sucessos, em atividades acessíveis, descontraídas, que permitem a descoberta do nosso corpo como veículo de comunicação, que experimenta mexer ‘todas’ as suas partes numa exploração à procura de respostas, numa forte ligação consigo mesmo e com o seu movimento.

Através da linguagem que a dança representa cada indivíduo exprime o seu mundo interior e encontra forma de se relacionar com as outras pessoas. Segundo Martinez (2007, p. 127) as pessoas afirmam que as vivências ocorridas nestes locais promovem mudanças comportamentais devidas ao toque dos corpos, aos cheiros, ao ritmo dos pés, ao balanço do corpo, à comunhão com música tocada ao vivo.

Este movimento que alguns designam de world music (designado assim em Inglaterra na década de 90), mais não é do que um acompanhar dos tempos pois nele se reflete a sociedade atual, consubstanciando-se numa mistura de géneros musicais e de estilos e reportórios de todo o mundo. Duterte, Jany e Rouger (1999) referiam sobre a música “Os tempos modernos inventaram o conceito de música tradicional, tal como a conhecemos hoje. O termo evoluiu ao longo dos anos: passámos sucessivamente de ‘country’ para popular, de popular para folclórico, depois de folclórico para tradicional. No início dos anos 90, o movimento de música tradicional foi apanhado por outra onda musical que tem as suas origens na Inglaterra: o fenómeno ‘world-music’ ”. E foi este movimento que se corporizou também nas danças que estudamos e queremos analisar e avaliar neste texto e no presente estudo. Analisar o contexto em que este tipo de danças ocorrem e as próprias danças tem a ver com compreender esta linguagem que as pessoas procuram, que se insere na cultura tradicional vivida (cultura do passado) agora imbuída do presente, gerando esta própria vivência um “microcultura” ou “subcultura”. É por isso uma parte desta gestualidade, desta materialidade do movimento essencialmente definida pelo seu conteúdo comunicativo-expressivo, numa paleta de emoções, onde continuamente se esbate e se confunde quem dança e quem assiste, regido por critérios de decisão individual e comprometimento coletivo, amiúde acompanhado por outras práticas de celebração e de convivência, que ilustra a nossa proposta de estudo. Parece assim importante conhecer como se dança noutros locais, perceber as

semelhanças, apreciar as diferenças, descobrir o que é comum, porque residual e sistematizar as formas sob as quais se faz chegar a mensagem de uns para outros – os modos como são aprendidas e ensinadas estas novas formas. O mesmo considera Chessman (2011), quando refere que é importante perceber o que funciona “dentro” da dança. Serão estes os desafios que se nos colocam na prossecução deste estudo, que se espera possa conduzir a um nível superior de sistematização e rigor.

Não podendo ser ignorado, este movimento, cultura, conceito, parece pertinente que seja estudado para melhor se poder caracterizar e para nele entendermos os aspetos associados ao seu ensino, questão pedagógica que se apresenta como um desafio de investigação que pretendemos deixar como repto final desta nossa reflexão.

Referências

Adshead, J. & Hodgens, P. (1988). Further applications for dance analysis in theory and practice. In J. Adshead e J. Layson, *Dance analysis: Theory and practice* (181-193). London: Dance Books.

Amans, D. (2008). Community dance – What’s that? In D. Amans, *An introduction to community dance practice* (3-10). Hampshire: Palgrave Macmillan.

Amans, D. (2013). Older people dancing. *Animated the Community Dance Magazine*, Summer, 2013. Acedido Novembro 11, 2013, em <http://www.communitydance.org.uk/DB/animated-library/older-people-dancing.html?ed=30707>.

Ames, M. (2006). The Shadow of a language. *Animated the Community Dance Magazine*, Summer. Acedido Novembro 11, 2013, em <http://www.communitydance.org.uk/DB/animated-library/the-shadow-of-a-language-2.html?ed=14053>.

Bartlett, K. (2013). *Animated the Community Dance Magazine*, Autumn, 6-8. Acedido Dezembro 20, 2013, em <http://www.communitydance.org.uk/DB/animated-library/the-artistic-imperative-in-community-dance.html?ed=31348>.

Chessman, S. (2011). Facilitating dance making from a teacher’s perspective within a community integrated dance class. *Research Dance Education*, 12 (1), p. 29-40.

Duterte, J. & Rouger, J. (1999). The traditional musics in Europe. The modernity of traditional music. *Journal on Media Culture*, Julho 2, 1999. Acedido Dezembro 17, 2013, em http://www.icce.rug.nl/~soundscapes/DATABASES/MIE/Part2_chapter11.shtml

Fazenda, M. J. (2007). *Dança teatral – Ideias, experiências, acções*. Lisboa: Celta Editora, 2007.

Hanley, E. (2004). Introduction. In R. Rinaldi, *European dance – Ireland, Poland, & Spain* (6-11). USA: Chelsea House Publishers.

Houston, S. (2003). The seriousness of having fun: the political agenda of community dance. In A. Macara e A. P. Batalha (Eds.), *Pulses and impulses for dance in the community. Proceedings of the International Conference* (135-139). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Kuppers, P. (2006). Community dance – A resource file. *Danz*. Acedido Dezembro 15, 2013, em <http://www.danz.org.nz/Downloads/CommunityDance.pdf>

Le Bon. Sobre o comportamento das massas e características de líder. Acedido Janeiro 14, 2013, em <http://www.puabase.com/forum/sobre-o-comportamento-das-massas-e-caracteristicas-de-lider-t54070.html>

Marrana, J. (2011). Contextos e práticas de animação sociocultural. Instituto para o Desenvolvimento Social. Acedido Dezembro 15, 2013, em <http://www.youblisher.com/p/165615-Animacao-Sociocultural-Contextos-e-Praticas>.

Martinez, M. (2007). As danças Europeias na atualidade. In M. Moura e E. Monteiro (Eds), *Danças em contextos educativos* (123-129). Lisboa: FMH Edições.

Monteiro, E. (2007a). Avaliação em dança – um determinado olhar. In M. Moura e E. Monteiro (Eds), *Dança em contextos educativos* (71-80). Lisboa: FMH Edições.

Monteiro, E. (2007b). Experiências criativas do movimento: Infinita curiosidade. In M. Moura e E. Monteiro (Eds), *Dança em contextos educativos* (179-191). Lisboa: FMH Edições.

Moura, M. (2006). Danças, jogos cantados e lengalengas: Materiais comunicativo-expressivos da cultura popular portuguesa. In *Dança e movimento expressivo* (99-105). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Padovan, M. (2010). *Dançar na escola. Perspectivas de aproveitamento didático em contexto de sala de aula*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Snyder, A. (2003). Affirming community identity through dance. In A. Macara e A. P. Batalha (Eds.), *Pulses and impulses for dance in the community. Proceedings of the International Conference* (13-26). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Thomson, C. (1994). Dance and the concept of community. Focus on Community Dance. *Dance and the Child International Journal*, III, p. 20-30.

Thomson, C. (2008). Foreword. In D. Amans, *An introduction to community dance practice* (IX-XI). Hampshire: Palgrave Macmillan.

Varregoso, I. (2010). O papel da dança na construção de uma nova cultura acerca do envelhecimento. In R. Martins e S. Hagen (org.), *Ame todas as suas idades* (119-130). SC Florianópolis: Nova Letra Gráfica Editora.

Wilson, H. (2008). Community dance in performance? In D. Amans, *An introduction to community dance practice* (63-75). Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008.

Apoio -

Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo - Laboratório de Investigação em Desporto e Saúde, cofinanciado por fundos nacionais através do Programa Operacional do Alentejo 2007-2013 (ALENT-07-0262-FEDER-001883).

Agradecimentos –

a) PédeXumbo - Associação para a promoção da música e da dança, Évora, organização do Festival Solstício.

b) Colégio Dinis de Melo, Amor, Leiria, organização da Convenção Schoolfitness.